

Quando pela primeira vez se falou em convidar o senhor de Norpois para jantar lá em casa e a minha mãe exprimiu a pena que tinha de que o professor Cottard andasse em viagem e de que ela própria tivesse deixado completamente de se dar com Swann, porque tanto um como o outro haveriam por certo de interessar ao antigo embaixador, o meu pai respondeu que um conviva eminente, um sábio ilustre como Cottard, não podia nunca calhar mal num jantar, mas que Swann, com aquela sua ostentação, com aquela maneira de anunciar aos quatro ventos as suas mínimas relações, era um vulgar parlapatão que o marquês de Norpois por certo acharia, segundo a sua expressão, «infecto». Ora esta resposta do meu pai exige umas palavras de explicação, pois algumas pessoas talvez se lembrem de um Cottard muito medíocre e de um Swann que, em matéria mundana, levava a modéstia e a discrição à mais extrema das delicadezas. Mas no que a este diz respeito, aconteceu que ao «Swann filho», e também ao Swann do Jockey, o antigo amigo dos meus pais acrescentara uma personalidade nova (e que não haveria de ser a última), a de marido de Odette. Adaptando às humildes ambições dessa mulher o instinto, o desejo, a astúcia que sempre tivera, ele esforçara-se por construir uma posição muito abaixo da antiga, nova e apropriada à companheira que com ele a ocuparia. Ora, aí mostrava-se outro homem. Visto que era uma outra vida que iniciava, em comum com a mulher, no meio de gente nova (embora não tivesse deixado de frequentar sozinho os seus amigos pessoais, aos quais não queria impor Odette, a não ser quando lhe pediam espontaneamente para a conhecer), ainda se podia compreender que, para avaliar o nível social dessa gente e, por consequência, o prazer que o seu amor-próprio poderia sentir em recebê-la, ele se servisse, como termo de comparação, não das pessoas mais brilhantes que constituíam

o seu círculo de relações antes de casar, mas das anteriores relações de Odette. Porém, mesmo sabendo que era com funcionários nada elegantes, com mulheres desacreditadas, adereços dos bailes dos ministérios, que ele desejava relacionar-se, ficava-se espantado ao ouvi-lo, a ele que dantes, e mesmo ainda hoje, tão graciosamente dissimulava um convite de Twickenham ou de Buckingham Palace, fazer ressoar bem alto que a mulher de um subchefe de gabinete viera fazer a sua visita à senhora Swann. Poderá porventura dizer-se que tal se devia ao facto de a simplicidade do Swann elegante não ter passado de uma forma mais refinada de vaidade e de, como certos israelitas, o antigo amigo dos meus pais ter passado sucessivamente pelos diversos estados por onde os da sua raça haviam passado, desde o snobismo mais ingénua e a mais grosseira falta de educação até à mais fina delicadeza. Mas a principal razão, e essa aplicável à humanidade em geral, era que nem sequer as nossas virtudes são algo de livre, de flutuante, de que guardemos permanente disponibilidade; acabam por ficar tão estreitamente associadas no nosso espírito aos actos em que nos achámos na obrigação de as exercer que, se nos aparece uma actividade de outra ordem, esta encontra-nos desprevenidos e sem sequer nos ter ocorrido que ela poderia implicar o exercício dessas mesmas virtudes. Swann, cioso daquelas novas relações e citando-as com orgulho, era como aqueles grandes artistas modestos ou generosos que, quando no fim da vida lhes dá para a cozinha ou para a jardinagem, demonstram uma satisfação ingénua pelos elogios feitos aos seus pratos ou aos seus canteiros, acerca dos quais não admitem a crítica que facilmente aceitam quando se trata das suas obras-primas; ou, então, que, ao mesmo tempo que vendem por uma ninharia uma das suas telas, em contrapartida não podem sem mau humor perder quarenta soldos ao dominó.

Quanto ao professor Cottard, iremos tornar a vê-lo longamente, muito mais adiante, em casa da Patroa, no solar da Raspelière. A seu respeito, bastará agora observar antes de mais o seguinte: no tocante a Swann, em rigor, a mudança pode ser surpreendente, visto que estava realizada e não vislumbrada por mim quando via o pai de Gilberte nos Campos Elísios, onde, aliás, como não me dirigia a palavra, não podia ostentar à minha frente as suas relações políticas (verdade se diga que, se o tivesse feito, talvez eu não me tivesse apercebido imediatamente da sua vaidade, porque a ideia que durante muito tempo formámos de uma pessoa nos veda os olhos e os ouvidos; durante três anos, a minha mãe deu tanto pela pintura que uma sua sobrinha punha nos lábios como se essa pintura se tivesse dissolvido invisivelmente num líquido —

até ao dia em que uma parcela suplementar, ou qualquer outra causa, trouxe consigo o chamado fenómeno da supersaturação: toda a pintura de que não se apercebera cristalizou, e a minha mãe, perante aquela súbita intemperança de cores, declarou, como se estivéssemos em Combray, que era uma vergonha e cessou quase por completo qualquer relacionamento com a sobrinha). Mas, no que se refere a Cottard, pelo contrário, a época em que o vimos assistir aos primeiros tempos de Swann em casa dos Verdurin ia já bem longe; ora as honras, os títulos oficiais, chegam com os anos. Em segundo lugar, pode-se ser iletrado, ou fazer trocadilhos estúpidos, sem deixar de possuir um dom especial, que nenhuma cultura geral substitui, como é o dom do grande estratega ou do grande clínico. Efectivamente, não era apenas como um facultativo obscuro transformado com o tempo numa celebridade europeia que os seus confrades viam Cottard. Entre os jovens médicos, os mais inteligentes declararam — ao menos durante alguns anos, porque as modas mudam, visto que elas próprias nascem da necessidade de mudança — que, se alguma vez adocessem, seria Cottard o único mestre a quem confiariam a própria pele. É claro que preferiam a convivência com certos chefes mais letrados, mais artistas, com quem podiam falar de Nietzsche ou de Wagner. Quando se fazia música em casa da senhora Cottard, nos serões em que ela, na esperança de que o marido viesse um dia a ser director da Faculdade, recebia os colegas e os alunos dele, este, em vez de ouvir, preferia jogar às cartas numa sala ao lado. Mas elogiava-se a prontidão, a profundidade, a segurança do seu golpe de vista, do seu diagnóstico. Em terceiro lugar, quanto ao conjunto de qualidades que o professor Cottard revelava para um homem como o meu pai, note-se que a natureza que revelamos na segunda parte da nossa vida nem sempre é, ainda que muitas vezes o seja, a nossa natureza primordial desenvolvida ou aviltada, aumentada ou atenuada; é por vezes uma natureza inversa, uma verdadeira peça de roupa virada do avesso. Excepto em casa dos Verdurin, que se tinham apaixonado por ele, o ar hesitante de Cottard, a sua timidez e a sua amabilidade excessivas tinham-lhe valido, na juventude, dichotes constantes. Que caridoso amigo lhe terá aconselhado um ar glacial? A importância da sua situação tornou-lhe mais fácil o assumi-lo. Em toda a parte, a não ser em casa dos Verdurin, onde por instinto voltava a ser ele mesmo, tornou-se frio, habitualmente silencioso, peremptório quando tinha de falar, e não se esquecia de dizer coisas desagradáveis. Teve ocasião de experimentar essa nova atitude diante de clientes que ainda o não haviam conhecido, que não estavam em condições de fazer compara-

ções, e que ficariam muito admirados se soubessem que ele não era um homem de rudeza natural. Era sobretudo na impassibilidade que ele se exercitava, e até no seu serviço no hospital, quando debitava alguns daqueles trocadilhos que punham toda a gente a rir, desde o director do serviço até ao externo mais recente, fazia-o sempre sem que um músculo se lhe alterasse na cara, aliás irreconhecível desde que rapara a barba e o bigode.

Diga-se para terminar quem era o marquês de Norpois. Fora ministro plenipotenciário antes da guerra e embaixador no Dezasseis de Maio¹, e, apesar disso, para espanto de muitos, posteriormente encarregado várias vezes de representar a França em missões extraordinárias — e até como gestor da Dívida Pública, no Egipto, onde, graças às suas grandes capacidades financeiras, prestara importantes serviços — por gabinetes radicais que um simples burguês reaccionário se teria recusado a servir, e aos olhos dos quais o passado do senhor de Norpois, as suas ligações e as suas opiniões deveriam torná-lo suspeito. Mas aqueles ministros avançados pareciam verificar que, com esta designação, demonstravam a dimensão da sua abertura de espírito quando se tratava dos interesses superiores da França, colocavam-se num plano superior aos políticos, merecendo que o próprio *Journal des Débats* os qualificasse de estadistas, e, por fim, beneficiavam do prestígio associado a um nome aristocrático e do interesse despertado, qual golpe de teatro, por uma escolha inesperada. E sabiam também que, recorrendo ao senhor de Norpois, podiam colher essas vantagens sem ter de recear da parte dele uma falta de lealismo político contra o qual o nascimento do marquês iria garanti-los em vez de os pôr à defesa. E nisso o governo da República não se enganava. Primeiro, porque uma certa aristocracia, educada desde a infância para considerar o seu nome como uma vantagem interior que nada lhe pode arrebatar (e cujo valor os seus pares, ou os de mais alto nascimento ainda, conhecem com toda a exactidão), sabe que pode furtar-se, porque nada lhe adiantavam, aos esforços despendidos por tantos burgueses, sem ulterior resultado apreciável, para professarem apenas opiniões bem-comportadas e se darem apenas com pessoas bem-pensantes. Por outro lado, desejosa de engrandecer aos olhos das famílias de príncipes ou de duques, abaixo das quais se situa imediatamente, essa aristocracia sabe que só o pode fazer acrescentando ao seu nome aquilo que ele não continha, aquilo que o faz prevalecer sobre um nome de igual nível: uma influência política, uma reputação literária ou artística, uma grande fortuna. E o esforço que se abstém de realizar junto do inútil fidalgote procurado pelos

burgueses ou pela estéril amizade que um príncipe lhe não agradecerá, vai desenvolvê-lo ela junto dos políticos, mesmo que franco-mações, que a podem fazer ascender às embaixadas ou patrocinar nas eleições, dos artistas ou dos sábios cujo apoio ajuda a «furar» no ramo onde se distinguem — enfim, junto de todos aqueles que estão em condições de conferir uma ilustração nova ou de fazer vingar um casamento rico.

Mas, no que dizia respeito ao senhor de Norpois, acontecia sobretudo que, numa longa prática da diplomacia, ele se imbuíra daquele espírito negativo, rotineiro, conservador, do chamado «espírito de governante» e que efectivamente é o de todos os governos e, em especial, em todos os governos, o espírito das chancelarias. Bebera na carreira a aversão, o temor e o desprezo relativamente àqueles processos mais ou menos revolucionários, ou no mínimo incorrectos, que são os processos das oposições. Salvo em alguns iletrados do povo e da sociedade, para os quais a diferença dos géneros é letra morta, o que aproxima não é a comunidade das opiniões, é a consanguinidade dos espíritos. Um académico do género de Legouvé e que fosse partidário dos clássicos aplaudiria da melhor vontade o elogio de Victor Hugo por Maxime Du Camp ou por Mézières que o de Boileau por Claudel. É um só nacionalismo que basta para aproximar Barrès dos seus eleitores, que não devem fazer grande diferença entre ele e o senhor Georges Berry, mas não é o mesmo dos seus colegas da Academia que, com as suas mesmas opiniões políticas mas com outro género de espírito, lhe hão-de até preferir adversários como os senhores Ribot e Deschanel, que se sentem muito mais perto da sua feição de fiéis monárquicos que de Maurras e de Léon Daudet, apesar de estes desejarem também o regresso do rei.² Avaro de palavras, não apenas por deformação profissional de prudência e reserva, mas também porque elas têm mais valor, apresentam mais subtilezas aos olhos de homens cujos esforços de dez anos para aproximar dois países se resumem, se exprimem — num discurso, num protocolo — num simples adjectivo, aparentemente banal, mas onde eles vêem todo um mundo, o senhor de Norpois passava por ser muito frio na Comissão, onde tinha assento ao lado do meu pai, que era por todos felicitado pela amizade que o antigo embaixador lhe dedicava. O meu pai era o primeiro a surpreender-se com ela. Porque, sendo geralmente pouco amável, habituara-se a não ser apreciado fora do círculo dos seus íntimos e confessava-o com simplicidade. Tinha consciência de que havia nas amabilidades do diplomata um efeito daquele ponto de vista absolutamente individual em que cada um se situa para decidir acerca das suas simpatias, e a partir do qual todas as qualidades